

FEIRAS E MERCADOS, ENQUANTO ESPAÇOS CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADE (S) E SOCIABILIDADE POPULAR

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo¹ Favip-Brasil
giovannaquino@ig.com.br

Jair Barbosa Araújo² Uva/Unavida- Brasil
jbaraujobr@hotmail.com

O presente estudo se trata de um trabalho inicial comparativo de pesquisa para Doutorado especificamente sobre feiras, nesse sentido discutiremos as feiras em análise³ sobre a vertente de algumas características de aproximação e de distanciamento, bem como fazendo alusão a um aspecto comum as três, no que diz respeito a sociabilidade presente em seus respectivos interiores.

Iniciaremos nosso texto por definir o conceito de feiras, como sendo uma das instituições mais curiosas do período medieval⁴. Local de concentração econômica, no que concerne a distribuição de mercadorias vendáveis a partir de produções muitas vezes realizadas domesticamente. É o que diz Ferreira Borges, vejamos: “Feira-mercado grande, público, em que se vende toda a casta de mercadorias em tempo certo, uma ou mais vezes por ano (...) as feiras são um meio de instigar a abertura de estradas e comunicações, de introduzir a civilização e de igualar a necessidade de riqueza dos povos⁵”. Apesar das feiras terem importância a partir do reconhecimento econômico e comercial, também sabemos que se constituem em um locus de relações sociais e culturais que dão suporte a convivência daqueles que transitam por esses espaços.

1- A autora é graduada em História, Especialista em Teoria e Metodologia do Ensino de História, Mestre em Ciências da Sociedade (UEPB) e Doutoranda em Idade Contemporânea, pela UMINHO- Braga, Portugal. Atua no ensino superior e na rede pública de Ensino Fundamental.

2-O co-autor é também graduado em História, Especialista em Teoria e Metodologia do Ensino de História (UEPB) e Doutorando em Idade Contemporânea, pela UMINHO- Braga, Portugal. Atua no ensino superior e na e na rede pública de Ensino Fundamental.

3-Nos referimos as feiras do nordeste do Brasil, especialmente a Feira central de Campina Grande-PB e a feira de Caruaru-Pe (ambas do nordeste) e as feiras do norte de Portugal, em especial a de Ponte de Lima, Vila do Conde e Barcelos.

4- Ver SERRÃO (1960): 539

5- Ver Ferreira Borges, apud: ALVES, Jorge. Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. In: Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005

Na Europa, e na América as feiras surgiram dando lugar as primeiras aglomerações, as cidades propriamente ditas, inicialmente tidas como povoados e vilas, e posteriormente cidades. É o que diz Weber (1979) *apud* Vedana⁶ (2004, p.11), o aparecimento das “[...]cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”. Com o município de Campina Grande-PB, Brasil, não fora diferente, quando ainda era freguesia, constituiu-se em entreposto comercial, local de passagem dos viajantes, que sentiam a necessidade de pouso, dando-se início a comercialização de gado e farinha⁷, o que posteriormente configurou-se em feira, com o advento da vila e posteriormente cidade. Logo, a feira desta cidade traz traços enraizados desde a origem que podemos dizer que a História da feira campinense dialoga com a sua própria História (desta cidade). É bom lembrar que esse fenômeno não aconteceu somente em Campina Grande-PB, Brasil, mas em todos os municípios do nordeste brasileiro, a exemplo do município de Caruaru, agreste Pernambucano. Em relação especificamente as feiras do norte de Portugal, o fenômeno não se deu de igual forma, ou seja, as feiras não deram origem às cidades, entretanto foram responsáveis pelo desenvolvimento delas, é o que diz Maria Helena da Cruz Coelho⁸ (2005): “ Na verdade, se em Portugal não se conhece nenhuma localidade nascida a partir de uma feira, elas contribuíram, sem margem de dúvida, em certas áreas, para chamar mais povoadores aos lugares do seu entorno” e a Virgínia Raú⁹, sobre as feiras medievais portuguesas. Nesse contexto, as feiras promovem o alargamento no âmbito comercial, favorecendo o crescimento e desenvolvimento dos lugares.

A noção espaço-tempo revela-se fundamental para nortear o estudo dos processos de transformações ocorridas nessas feiras no momento contemporâneo. Este modo de abordar o assunto implica no conhecimento da dinâmica da evolução do espaço urbano municipal inserido em um contexto mais amplo de transformações do capitalismo, e notadamente no período atual da efervescência da globalização e neoliberalismo.

6- Ver VEDANA Viviane. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS;

7- Ver ALMEIDA, Elpídio (1964).

8- Ver COELHO, Maria Helena da Cruz. As feiras em tempos medievais. In: Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005.

9- RAU, Virgínia. (1981)

Utilizaremos como aporte teórico, Castells¹⁰ (1999) e Bauman¹¹ (1999), para abordagem sobre a temática modernidade e pós-modernidade, com o intuito de construir, a partir de ambos, referencial analítico relativo às transformações contemporâneas no campo produtivo e simbólico desses lugares pesquisados. Segundo Castells (1999), constata-se nas três últimas décadas do século XX, o surgimento de um novo capitalismo baseado em tecnologias da informação, o autor destaca a atribuição dada à tecnologia da informação, na atualidade a necessidade de se fazer presente em todas as ações humanas, colaborando com a constituição da dinâmica da economia, da sociedade e da cultura, sem atribuir-lhe a condição de determinação das relações sociais.

Com o capitalismo novas ferramentas se fazem presentes a cada dia, objetivando um rápido e crescente processo de flexibilidade, na medida em que ocorre à aplicação de novas tecnologias na organização da produção, possibilitando aumento dos lucros, redução dos custos da produção (custos com mão-de-obra), aumento da produtividade, ampliação do mercado e aceleração do giro do capital. Ou seja, Neste sentido, exige-se um processo de modernização condizente com a realidade desta reestruturação produtiva.

Em relação a este mercado atual, que “dita”, o que deve ser comercializado, a que custo, com qual lucro, a quem e por quem deve ser comercializado, a forma de mão-de-obra, a matéria prima a ser empregada, etc. Objeto do mundo capitalista, queremos lembrar que, nem sempre fora desta maneira a economia, e para tanto gostaríamos de abordar neste texto a teoria da Nova Sociologia Econômica, referenciada por Karl Polanyi¹², onde percebe-se que, na maior parte da história, a satisfação da subsistência era estruturada por laços de parentesco (*kinship*), pela religião ou outras práticas culturais que tinham muito pouco a ver com o modelo de economia formal, no qual indivíduos maximizam ganhos econômicos através do comportamento competitivo. Os mercados existiam, fosse na Europa ou na América, mas desempenhavam um papel residual, e não determinante nem hegemônico. Trazendo esta teoria para o nosso objeto empírico, ou seja, as feiras verificamos que, embora as feiras tenham tido

10- Ver CASTELLS, Manuel (1999)

11- Ver BAUMAN, Zigmund. (1999)

15- VINHA, Valéria (2001)

sua origem na Idade Média, se prolongando a época moderna, com o advento do capitalismo, consideramos que não se tratava deste capitalismo efervescente e pujante da década de 1980, uma vez que no princípio, ou até mesmo na primeira metade do século XX, as relações sociais de compadrinamento, eram mais valorizadas, as igualdades entre as classes, e o sentido de humanidade, se fazia mais presente.

Um outro aspecto de grande relevância verificado nas feiras em estudo diz respeito as mudanças evidenciadas nesses espaços, no que tange aos aspectos de arrumação e organização, ou seja, a maneira como essas feiras foram (re)desenhadas, ao longo dos anos, atendendo sempre a uma estrutura de ordenamento e legitimação. Nos acostaremos no conceito de poder disciplinar em Foucault, desdobrados em outros: o tipo de organização do espaço; controle do tempo e vigilância¹⁶, além do contra ponto a tudo isso: a reação daqueles que são os protagonistas dessas feiras, os feirantes e fregueses. Sabemos que é datada do período vigente, a expansão da informalidade, reflexo da conjuntura econômica, resultando na formação de uma nova ambiência nas feiras livres. Uma ambiência que, se por um lado pode afastar o consumidor, pelo contraste absoluto com a organização, segurança, higiene e conforto oferecidos pelos supermercados e comércio varejista, por outro lado mantém a feira livre como espaço de sociabilidade resistente, como ambiência alternativa, como exótico e bucólico, além de ser um bom lugar para compras para alguns classes sociais.

Em relação às transformações enunciadas anteriormente, percebemos tais alterações na dinâmica das feiras, como resultado do processo de modernização. Pois sabemos que, na contemporaneidade as necessidades de consumos são impostas pelo mercado, logo os produtos sofrem modificações significativas. Percebe-se com isso a construção de estratégias que visam maior inserção do produto no mercado, assim como, a construção de uma imagem sofisticada que legitime cada vez mais seu consumo. Desse modo, modernizar é a inovação segundo instrumentos produtivos, assim como, pela incorporação de códigos que redefinam sua imagem no universo desse mercado produtivo e consumista. Em relação especificamente a disciplina e organização do espaço, vemos como técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um mesmo espaço individualizado classificatório, combinatório e acima de

16- Ver FOUCAULT, Michel. (1979)

tudo hierarquizado, esquadrinhado, com funções diferentes segundo objetivos específicos.

Essas questões de ordem, de disciplina, são facilmente percebidas a partir de um estudo cartográfico da arrumação do espaço geográfico destes lugares sociais, na tentativa de “manter” a ordem diante da implantação de normas adotadas pelo poder público, delimitando os espaços, com regras de conduta quanto a comportamento e padrões de higiene, dos atores sociais daquele locus, referimo-nos aos feirantes, comerciantes.

Já em relação à questão da vigilância como um dos principais instrumentos de poder disciplinar, de controle sobre os indivíduos. Assim sendo, com o objetivo de disciplinar estratégias de mansidão são criados “homens úteis e dóceis” politicamente, o que notadamente é uma tentativa de provocar a diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder. Com o argumento muitas vezes de aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos, aumentar a força econômica e diminuir a “força” política.

Em se tratando dos espaços das feiras, verificamos que dos anos 1980 a 2000, os posicionamentos passaram a ser hierárquicos, e centrais de vigilância foram implantadas, com propósito de manter essa ordem estabelecida e institucionalizada. No entanto, consideramos que o poder disciplinar trabalhado por Foucault, que não destrói o indivíduo, ao contrário ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; o poder disciplinar é um dos mais importantes efeitos para a construção daquilo que convencionalmente passou a ser chamado de reação, haja vista que as técnicas disciplinares, que são técnicas de individualização, promove o “nascimento” da figura do homem como produção de poder, diante de todas as ações sobre o corpo: o adestramento do gesto, a regularização do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação dos discursos, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar. O poder nesse sentido, está em cada um de nós, não apenas o institucional do Estado, mas *os micro poderes* que por muitas vezes desequilibram este maior. Segundo Foucault, “o poder não existe. Na realidade se trata de um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações”. Daí vem a reação, pois se interioriza dentro das relações, onde qualquer luta é sempre tida como *de*

resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade. Logo sabemos que onde há poder há resistência, que se localiza transitando por toda a estrutura social dos indivíduos.

Por essa razão que quando observamos os espaços cartográficos das feiras, observamos a presença do poder disciplinar institucional, por meio da edificação do mercado e o posicionamento dos bancos e boxes para a venda dos produtos, de maneira hierarquizada, piramidalizada, e com o intuito de homogeneizar, uniformizando, a fim de não despertar as diferenças e por outro lado percebemos a disposição e o uso do poder, dos micro poderes dos homens como reação a toda aquela disciplina imposta, se posicionando a maneira deles ao redor do mercado, aqueles que não tiveram acesso a este espaço, e há ainda aqueles que insistem em permanecer no interior do mercado mesmo que na condição de ambulante, contrariando a “ordem” estabelecida. Por outro lado a aqueles que mesmo no interior das feiras se tornaram ambulantes de si próprio, buscando se posicionar melhor diante do tipo de organização do espaço descrita no início deste texto, articulada a disciplina como controle e tempo em desenvolvimento, e o posicionamento e articulação do corpo com o objeto a ser manipulado, exposto para venda.

Em meio a tudo isto, investigamos as mudanças sociais presentes nas feiras dada as adversidades do mundo moderno e a resistência dessas em concorrência com os supermercados, ou as grandes superfícies. Para tanto buscamos em Michel de Certeau o conceito de mundo ordenado, com o propósito de elucidar nossas questões, recuperamos a noção de Tática¹⁷ atrelada a muitas práticas cotidianas que envolvem “maneiras de fazer”, de maneira criativa e inteligente, no sentido de arte do fazer, diante da anti-disciplina, os protagonistas estão inseridos, conhecem o espaço geográfico pesquisado, enquanto espaço social de convivência e de sobrevivência, onde cada qual, de grupos sociais distintos utilizando táticas, estratégias criativas e astúcias, indo em busca de seus objetivos, descrevem argumentos diferenciados, que procuram atender seus interesses específicos, transformando o ambiente, em benefício próprio.

17- Ver CERTEAU, Michel. (1994)

Contudo é necessário que saibamos que apesar dos instrumentos de ordem e de poder disciplinar os homens resistem a tudo isso desenvolvendo astúcias silenciadas e sutis com apropriação criativa, anti-disciplinada, e ordinária, inventando de maneira própria, criativa e inteligente suas táticas e estratégias, como arte do fazer, fazer este que envolve elementos do cotidiano, com o propósito maior de conviver e até transformar, materializando, criando, (re)inventando, a realidade em que vivem.

Essas estratégias de sobrevivência que muitas vezes entram em “confronto” com o mundo ordenado se fazem presentes em todas as feiras em estudo. No caso específico do nordeste do Brasil, e em especial na feira de Campina Grande-PB e Caruaru-PE, percebemos a instalação do mercado central com todas as peculiaridades de vigilância possíveis, a edificação desse mercado no centro da feira central já é resultado disso, e além do mais projetos de planejamento arquitetônicos estão sendo configurados para a feira, na tentativa de padronizar os espaços, uniformizando-os. Já em relação as feiras no norte de Portugal, observamos que tais feiras de origem na Era medieval, são feiras localizadas em campos abertos, pátios abertos, entretanto contam com uma padronização no que diz respeito a estrutura das barracas, a partir dos transportes (carrinhas) que os feirantes se locomovem, e são localizados em espaços determinados pelo poder público, entretanto percebemos os espaços diferenciados pelas etnias, nos referimos nesse instante aos espaços destinados aos ciganos, que sob hipótese alguma convivem com os portugueses. Os espaços também são organizados a partir da distribuição das mercadorias.

Um aspecto comum, nas feiras tanto na Europa, como na América diz respeito ao mercado informal que emprega milhares de comerciantes, ambulantes que provém o sustento da família, perpassando de geração para geração. Nessa direção um fato interessante em relação aos feirantes do norte de Portugal e os demais feirantes do nordeste do Brasil diz respeito ao formato de informalidade, os portugueses embora vivam em meio a toda a insegurança gerada pelo ofício que possuem, são “obrigados” pelo poder público em grande mediada e contribuir com a previdência social, sobretudo aqueles que se localizam no interior dos mercados nas feiras, diferentemente do Brasil esse fato não é evidenciado. Uma outra questão bastante semelhante diz respeito à diversificação de mercadorias, são produtos dos mais variados que encontramos nessas feiras em estudo, notadamente com o advento da globalização e a abertura de mercado verificamos um crescente quantitativo de objetos importados de outras localidades que transitam nas feiras com o propósito de serem comercializados.

Entretanto verificamos a presença de determinadas mercadorias de maneira mais abundante de algumas regiões do que de outras. No caso específico do norte de Portugal, verificamos nas feiras produtos de origem local, da região, bem como artigos importados sobretudo da África e da China. Em relação ao nordeste do Brasil, verificamos produtos brasileiros, da América Latina, bem como chineses e norte americanos. São produtos de utilidade doméstica, vestuário, alimentação, calçados, higiene pessoal, acessórios, flores, artesanato, produtos de contrabando, etc.

Notadamente em relação às feiras em estudo, comungamos com a idéia de que na atualidade, mesmo buscando a manutenção, conservação de algumas tradições¹⁸, é quase impossível que elas se mantenham vivas, no decurso do tempo, sem alterações. Porém o curioso é que neste mesmo período, com o capitalismo periférico se instalando numa velocidade acentuada, e os supermercados luxuosos, e higienizados, as feiras continuam a existir com características múltiplas, mas mantendo a idéia de espaço sociável, como local de perambulações à procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades. Lugar onde se evidenciam os encontros, as tradições, as conversas, as compras, vendas e permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se dissolvem, se transformam, no dia-a-dia, nas reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas transformações ocorridas nela, desde a localização geográfica aos produtos comercializados, além das formas de fazer a feira: atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, fomentados pelos atores sociais que freqüentam e transitam pelos labirintos das feiras. Tais dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos.

Com isso podemos ressaltar a relevância sociológica que nossa temática possui, pois percebe as mudanças sociais, culturais e econômicas, como resultado de uma Teoria Antropológica Social que dá respaldo para a interpretação destas mudanças cotidianas, a começar pelo conceito de indivíduo. Os sujeitos de nossa pesquisa são

18- Considerando a feira como tradição, no sentido utilizado por Hobsbawn, da invenção da tradição pelos campinenses em consonância com outros atores sociais das cidades circunvizinhas, bem como dos visitantes.

adjetivados como sujeitos sociáveis, por considerarmos as feiras enquanto espaço de sociabilidade.

Assim, entendendo que estes indivíduos formam a sociedade ao mesmo tempo em que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos, pois toda sociedade ao nosso entender consiste numa porção de pessoas juntas, individuais que quando estão aglomeradas formam a sociedade¹⁹, e vendo a Sociologia como alternativa crítica²⁰ a concepção de vida social e a própria noção moderna de indivíduo, ampliando o campo da Sociologia, não mais lhe atribuindo a responsabilidade de entender apenas o comportamento dos indivíduos, mas de toda a sociedade, suas mudanças, as ações individuais e sociais em seu conjunto. Bem como, relacionando a Sociedade, referindo-se associação social quanto ao sistema específico de relações sociais²¹ e culturais, estabelecidas na sociedade vigente, moderna por excelência.

Trazendo esta realidade para as feiras, PAZERA JR (1987)²² afirma que as feiras nordestinas, no caso específico do Brasil, não são simples locais de compra e venda de mercadorias mais do que isto, são locais privilegiados onde se desenvolvem uma série de relações sociais. Além de ponto de encontro tradicional de amigos ou de simples conhecidos, é o *locus* escolhido para os mais variados atos da vida social mantendo assim um sentido de permanência. Ali se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública. Comícios, geralmente ocorrem em dia de feira, espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se na feira, ou ainda como forma de entretenimento (cuja remuneração é voluntária), a exemplo dos cantadores de viola, de coco, apresentando riqueza em experiência e memória, cordelistas expondo a literatura de cordel é divulgada quase que exclusivamente nas feiras, sempre com suas raízes na cultura popular. É muito significativo que, até nas grandes capitais nordestinas, mesmo as pessoas que não freqüentam feira e fazem compras no Hipermercado, dizem: “vou à feira”, o que indica o permanente na mudança.

19- Ver ELIAS, Nobert. (1994).

20- Ver DOMINGUES, José Maurício. (2001)

21- Ver Giddens, Anthony. (1991).

22- Ver PAZERA Jr., Eduardo. (1987)

As feiras são fenômenos tão importantes na vida econômica, como também social e cultural. Tal sociabilidade dotada de um caráter positivo – construtivo, afirmativo – para as pessoas que delas participam. Sabe-se que na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas. ARIÈS²³(1981) circunscreve neste termo as visitas, encontros e festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais entre os indivíduos. Sabemos pois que nas feiras em estudo, se sabem as últimas notícias e boatos. Nelas são feitos os anúncios de utilidade pública, manifestações coletivas onde produtos são expostos com possibilidades de barganha e troca, além de espaço constituinte e constituidor de relações sociais e interações cotidianas. Comícios, geralmente ocorrem em dia de feira, espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se nas feiras, ou ainda como forma de entretenimento a exemplo dos folcloristas que divulgam a cultura local, apresentando riqueza em experiência e memória, divulgando portanto, as raízes na cultura popular. As feiras citadas constituem como reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana, espaços de mobilidades comerciais e sociais onde, encontramos os produtos comercializados, bem como as formas de fazer a feira: atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, fomentados pelos atores sociais que freqüentam e transitam pelos labirintos peculiares de cada lugar. Tais dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos.

O fato é que desde a Era medieval, perpassando pela época moderna e no momento histórico contemporâneo as feiras consistem num verdadeiro mosaico de espaços de sociabilidade, onde a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos, concorre para que à vida cidadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano. Tais espaços são considerados como lugares que vão além de um simples local de compra e venda de mercadorias a locais sobretudo privilegiados onde se desenvolvem uma série de relações sociais, de sociabilidade, ponto de encontro tradicional de amigos ou de simples conhecidos, lócus escolhido para os mais variados atos da vida social mantendo assim um sentido de permanência e de identidade.

23- Ver ARIÈS, Philippe. (1981).

Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*. C. Grande: Livraria Pedrosa, 1964.
- ALVES, Jorge. Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. In: *Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea*. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar.1981
- BAUMAN, Zigmund. “*Modernidade e Ambivalência*”. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1999
- CASTELLS, Manuel. “*A sociedade em Rede*” São Paulo: Paz e Terra, 1999
- COELHO, Maria Helena da Cruz. As feiras em tempos medievais. In: *Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea*. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005.
- COHEN, Mário. Roque Santeiro melhora saneamento básico In: <http://www.angolapress-angop.ao/noticia.asp?ID=423516> acesso em 15 de Março de 2008
- DOMINGUES, José Maurício. *Teorias Sociológicas no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Roberto Machado (org.)- Rio de Janeiro:Edições Graal, 1979.p.XVIII
- Giddens, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: editora UNESP, 1991.
- LOPES, Carlos. “*Roque Santeiro – Entre a Ficção e a Realidade*. Editora: Principia. Lisboa, 2007.
- PAZERA Jr., Eduardo. Feiras camponesas na Paraíba: aspectos geohistóricos. Resumos. 39a.Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.SBPC, Julho 1987. In: *Suplemento de Ciência e Cultura* (39):7
- RAU, Virgínia. *Feiras Medievais portuguesas*. Subsídios para seu estudo. Lisboa: Editorial Presença, 1981
- SERRÃO, Joaquim. (direção). Feiras. In: *Dicionário de História de Portugal*. Vol. II. Livraria Figueirinhas/Porto, 1960
- VEDANA Viviane. “*Fazer a feira*”: estudo etnográfico das “*artes de fazer*” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS;
- VINHA, Valéria da. Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: uma aplicação contemporânea do conceito de enraizamento social (*social embeddeness*). In: *Artigo publicado na Revista Econômica, UFRJ* . V. 3. nº 2. Dezembro de 2001